



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VICIARI
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 28-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegráfico: *Talhaba-Lisboa* • Telefone 5339 O

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Augustin Hamon

O Lock-Out dos Mineiros na Gran-Bretanha

Já vai decorrido mais de um mês desde que as companhias mineiras britânicas, não querendo diminuir os seus lucros, pretendam impor aos mineiros uma diminuição de salário que iria até 50 %. Os mineiros responderam por uma recusa. As companhias mineiras despediram então todos os operários que não acederam à sua vontade, *inclusivamente os operários affectos à segurança das minas*. Houve portanto um *lock-out* e não uma greve, como o pretende fazer crer o capitalismo mundial, a fim de desacreditar os mineiros na opinião pública.

Já vai decorrido mais de um mês e o *lock-out* continua, lançando na miséria milhares de operários, custando ao Estado em cada semana milhões de libras esterlinas, perdendo enormes a todos os accionistas e dissabores a toda a gente.

Esta confusão mineira podia ter terminado em meados de abril se os dirigentes dos dois campos, operários e capitalistas—tivessem tido conhecimento crítico das forças em presença e das armas de que dispunham.

Cometeram-se faltas enormes em ambos os campos. A colectividade humana e os mineiros em particular pagam presentemente os seus erros. Em meados de Abril entabularam-se negociações entre os mineiros e a Triplíce Aliança, o governo, as companhias mineiras e a Câmara dos Comuns. Os telegramas sempre tendenciosos das agências capitalistas tais como a Reuters, Havas e outras deram conta destas negociações, do seu fracasso e do abandono dos mineiros pela Triplíce Aliança (ferroviários—operários dos transportes—das docas e marítimos).

Mas tudo de forma a deixar uma impressão de obscuridade sobre as causas deste fracasso e sobretudo da recusa da Triplíce Aliança a decretar a greve de solidariedade. Um correspondente do *New Statesman*, que guarda o anonimato, mas que se vê estar bem ao corrente dos bastidores da questão, num seu artigo projectou

alguns raios de luz nesta obscuridade. Parece certo que, se a solução do conflito a favor dos mineiros não teve lugar em meados de Abril, foi motivado pela recusa da Triplíce Aliança em proclamar a greve de solidariedade. Esta recusa deve-se sobretudo à política de Thomas, o «leader» dos ferroviários. Este teve medo, um medo horrível das consequências possíveis e favoráveis dum greve geral. E recuou, arrastando consigo os seus colegas das docas e dos transportes. Não ousou, com medo da possibilidade dum fracasso, declarar a greve cuja finalidade poderia ser uma revolução política e social pacífica. Tomou medo do governo e das suas medidas guerrilheiras. Não compreendeu que era tudo um simples bluff. O medo atroz e inibitória de toda a acção se apoiou dele e desgraçadamente para a humanidade comunicou este medo a todos os seus colegas da Triplíce Aliança, a quando da sua reunião em Unity House. E no mesmo momento em que numa grande perturbação de espírito, deliberavam os *leaders* operários, o conselho de ministros reunia em Downing Street, numa perturbação de espírito não menor.

Os ministros tinham medo do fracasso do seu bluff, medo de que os *leaders* operários compreendessem a sua força real, medo de que a verdade aparecesse evidente aos olhos de todos. E quando souberam que os *leaders* da Triplíce Aliança recusavam a batalha, tendo todos os fios na mão, não o queriam crer, eles que acabavam de decidir «renovar negociações sobre uma base aceitável para os mineiros».

Os mineiros estavam abandonados às suas próprias forças, mas continuaram na luta. A opinião pública, enganada pelas manobras do governo, a soldo dos capitalistas, tornou-se pouco a pouco favorável aos mineiros. Até o alto clero, arcebispos e bispos anglicanos—e isto é importante constatar na Inglaterra—julgavam justas em grande parte as pretensões dos mineiros. Os ferroviários presentem que os seus *leaders* se enganaram e que, se tivessem apoiado os mineiros pela greve,

a paz já estaria assinada e a situação dos ferroviários assegurada, o que actualmente se não dá. Temem com efeito e com razão que, em Agosto próximo, as companhias dos caminhos de ferro pretendam diminuir os seus salários e façam com eles o mesmo jogo que fazem actualmente as companhias mineiras.

Em lugar de uma grande batalha, com a totalidade das forças em conflito, o capitalismo, com uma habilidade relativa, procura obter uma série de batalhas parciais, contando vencer sucessivamente. E com efeito, pode vencer por esta forma, mas só momentaneamente, porque não pode esmagar o inimigo, o proletariado, ao ponto de destruir os seus próprios meios de aquisição de riquezas.

E a sua vitória deixa aliás no espírito do proletariado o vencido rancores que germinarão e que ao crescer invadirão o seu espírito provocando novas batalhas até ao dia em que a solução do conflito se fará segundo os princípios baseados sobre a liberdade, a igualdade económica e a solidariedade de todos.

Os mineiros continuam a lutar. Muitos entre eles sofrem a miséria, mas são valentes e tem fé no sucesso. E ter fé já é um elemento de sucesso. E como a não tiveram, os *leaders* dos ferroviários e dos operários dos transportes? E como não compreenderam eles a força invencível dum greve de transportes, dos caminhos de ferro e das docas? Um país inteiro é incapaz de organizar a distribuição dos produtos de toda a espécie, de modo a substituir os caminhos de ferro, os eléctricos, os camions, os vapores de carga, as docas.

Os burgueses voluntários são quantidades desprezíveis, capazes de servirem quanto muito alguns dias! A mobilização é uma arma de dois gumes. Porque da arma a quem as não tem. E, isto é grave. A mobilização é aliás impotente se os homens não querem e empregam a resistência passiva, que Cristo preconizava e após ele grande número de santos da Igreja Católica e enfim Tolstói e seus discípulos. Uma greve geral é a

arma mais formidável que existe, sendo entretanto a menos sangrenta, com a condição, bem entendido, que seja real, isto é, praticada pela quasi unanimidade dos operários dos transportes, dos caminhos de ferro e das docas. Se assim é, em alguns dias, toda a vida económica, toda a vida real está paralisada num país. E o capitalismo tem necessariamente que capitular para evitar a morte, não somente do sistema mas também dos seus aderentes e dos seus sustentáculos. Viamos isto mesmo, eu e Pelloutier, quando há trinta anos, no meu escritório da Avenida Clíchy, onde então morava, discutíamos e tornávamos a discutir esta forma de greve, as suas modalidades e as suas consequências. Foi nestas discussões que Fernand Pelloutier elaborou a teoria da greve geral que mais tarde, perante os congressos operários, Aristide Briand defendeu com um inigualável talento oratório.

Parece provável que a energia dos mineiros dará bons frutos. Com efeito, tudo nos leva a crer que as condições económicas provocadas pelo *lock-out*, juntas à opinião pública já esclarecida, forçaram os proprietários mineiros e o governo a ceder às justas reclamações dos mineiros. A sua vitória parece quasi certa e próxima no momento em que escrevo. Mas t-la-hão pago com usura. E visto que forçoso é entrar em negociações não teria sido mais económico, portanto mais inteligente, t-la-hão iniciado no começo, sem batalha, e sem perdas?

No estado actual do conflito, pode-se já tirar alguns ensinamentos.

Assim eles possam ser compreendidos para o futuro. Os dirigentes operários não tiveram nem audácia nem fé no sucesso. Ora, a vitória só pertence aos audazes, dados, aliás, as devidas condições. A acção de Lêninev na Rússia é um evidente testemunho do que afirmamos. A superioridade dos dirigentes do capitalismo sobre o mundo operário, na actual guerra social, provém do seu hábito de comando, donde provém a sua audácia, em-

quanto que os *leaders* operários e os próprios operários, habituados ancestralmente à obediência, mesmo quando revoltados, ressentem-se da dificuldade de se libertarem deste hábito. Esta superioridade capitalista tem também outra causa derivada do facto dos dirigentes capitalistas se não embarcarem com o valor moral dos seus actos, enquanto que o mesmo se não dá com os operários e os seus *leaders*.

Estes não se atrevem a empregar as armas que possuem! Os outros não hesitam por mais mortíferas que elas sejam! Os capitalistas especulam também com a fome e a miséria dos operários para os obrigar a acordos desfavoráveis e até à capitulação pura e simples. Os operários e os seus *leaders* recusam servir-se da força dos seus braços, que sem contestação possuem, e obrigam-se a conservar as minas, a transportar o carvão aos domicílios, às padarias, a letarías, etc.

Não vêem que aceitando estas condições prolongam a luta e aumentam os seus sofrimentos! Deixam-se embair por cantigas de que bom uso sabem fazer os capitalistas.

E, entretanto, apesar desta superioridade capitalista nos incidentes da luta actual, a sua derrota é certa, tam certa como em 1914 era a das potências autoritárias centrais, e que só teve lugar em 1918. A derrota do capitalismo há-de se dar com certeza. Mas quando? Quando encaramos os acontecimentos destes últimos anos no seu conjunto e também as condições económicas sociais e políticas, parece-nos provável que decorra ainda uma década antes que a vitória do socialismo se dê, sendo integralmente, pelo menos quasi completa.

Maio 1921.

Augustin Hamon.

“SEARA NOVA”

Um grupo de intelectuais que pretende renovar a mentalidade portuguesa

Alguns intelectuais, que se tem mantido mais ou menos afastados das mesquinhas questões de política e do pântano das ambições nacionais, acabam de formar um grupo que, segundo alguns prospectos que por aí tem corrido, pretende realizar uma verdadeira obra de educação nacional, obra de moralização.

Pretende esse grupo, cujo corpo directivo é constituído pelos sr.s Aquilino Ribeiro, Augusto Casimiro, dr. Faria de Vasconcelos, dr. Ferreira de Macedo, Francisco António Correa, dr. Jaime Cortesão, dr. José de Azeredo Perdigão, dr. Luís da Câmara Reis, Raúl Brandão e Raúl Proença, lançar a publicidade uma revista quinzenal, de 32 páginas.

Os intuitos da revista «Seara Nova»

Essa revista visa: renovar a mentalidade da *élite* portuguesa, pondo-a em contacto com as realidades do presente e dando-lhe a consciência nítida das necessidades nacionais; criar uma falange intelectual que ponha com clareza os verdadeiros problemas a resolver, preconize as soluções mais racionais e mais práticas, e se oponha ao espírito do egoísmo, do desinteresse social e de rapina que caracteriza as oligarquias dominantes; criar uma opinião pública nacional que obrigue todos, políticos e não políticos, a ter como norma o bem público, em vez dos interesses de pessoas, grupos, ou partidos; contribuir para a formação, acima das nacionalidades eternas, duma consciência internacional, capaz de dar existência a uma realização cada vez mais perfeita do conceito humanitário.

E idealista, mas sem o desprezo das realidades; de larga aspiração humana, mas sem o repúdio da ideia pátria; revolucionária, mas por processos orgânicos e construtivos e com o respeito das oportunidades e das possibilidades actuais; política, mas sem subordinação a nenhum partido ou clientela política; combativa, mas sem apelo a nenhuma forma de combate que não seja a das ideias e das campanhas de justiça e moralidade pública.

Em torno dos Soviéticos

O que a Rússia exige à Finlândia

HELSINGFORS, 23.—O representante dos Soviéticos nesta capital fez ao governo finlandês as seguintes exigências:

- 1.º O desarmamento geral dos refugiados de Kronstadt.
 - 2.º Entrega aos Soviéticos de todas as armas destes refugiados.
 - 3.º Trasladação destes refugiados a uma região mais afastada da fronteira.
- O governo finlandês declarou, na sua resposta, que acede aos pedidos dos Soviéticos, tendo-se já realizado muitos deles. Quanto às armas e outros bens dos refugiados, são considerados pelo governo finlandês como garantia para o cumprimento dos compromissos económicos da Rússia.—*Rádio*.

O governo italiano e a missão bolchevista

PARIS, 23.—Diz-se que o conde Sforza, ministro dos estrangeiros da Itália, a quem informou que a Itália está pronta a concluir acordos comerciais com os Soviéticos, mas que o governo italiano não permitirá que a missão bolchevista se afaste do seu papel puramente político, imiscuindo-se no domínio da política.

O conde Sforza concedeu à missão bolchevista a imunidade diplomática provisória, sob a condição de que os acordos comerciais fiquem concluídos nestes dois meses.—*Rádio*.

Os caixeiros de Santarém

continua a ser vítimas de perseguições do patronato por aderirem à C. G. T.

Há dias que a quasi totalidade do patronato de Santarém ficou atemorizada pela distribuição das cadernetas confederais da C. G. T., a que procedeu a Associação dos Empregados no Comércio aos seus associados. O presidente da Associação Comercial, de nome Júlio Alves, conhecido organizador, paladino oculto e secretário da misteriosa Confederação Patronal amedrontou-se de tal forma com a cor vermelha das cadernetas, que, alvorçado, percorreu os estabelecimentos da cidade incitando os comerciantes a pôr este dilema aos caixeiros: ou abandonam a sua associação ou serão despedidos! Acrescentou ainda o aterrorizado cavalheiro aos comerciantes confederados na C. P., que se não concordassem com a sua intimação, sujar-se-iam a si-lo pela Confederação Patronal para despedirem todos os empregados confederados na C. G. T.

Aquele herói do regime patronal voçiferou que não se conformaria com a entrada dentro dos estabelecimentos de suspeitos de bolchevistas, que considerava seus inimigos fígados.

Que tem o sr. Alves com os caixeiros, depois de cumprirmos o seu dever profissional, pensemos livremente? E que dirão os empregados que ombream com patrões filiados num outro misterioso e enigmático como é a C. P. e que promovem sessões secretas com fins duvidosos?

E' uma afronta indigna que não logramos os efeitos desejados pelo patronato, pois não é com facilidade que se esmagam uma classe que está competida dos seus deveres e dos seus direitos, composta de poucos mas firmes camaradas cuja disposição é inabalável em não abandonar o seu sindicato.

“A NOVELA VERMELHA”

Na próxima quarta-feira, 1 de Junho, aparecerá a venda em todas as livrarias, tabacarias e na administração da *Batalha*, o segundo número da *Novela Vermelha*. Insere-se este número uma novela de Nogueira de Brito, intitulada *Sangue Fidalgo*.

O sucesso do primeiro número, que trouxe à luz da publicidade um esplêndido trabalho de Manuel Ribeiro — *A Expição* — ganhou a publicação da *Batalha* a prosseguir com a publicação desta interessante colecção.

Sangue Fidalgo será ansiosamente acolhido pelo público, principalmente pelos trabalhadores, a quem a publicação se destina.

Este segundo número da *Novela Vermelha* será vendido também pelos vendedores de jornais, custando cada exemplar apenas 25.

Crise corticeira

Uma comissão da Federação Corticeira Nacional juntamente com um representante dos operários corticeiros do Seixal entrevistou ontem o ministro do comércio sobre a crise na indústria corticeira daquela localidade. Trata-se da fábrica Viconder que suspendeu a maior parte do seu pessoal, estando a mesma ameaçada de paralisar por completo, em virtude da falta de transportes. Para tratar do mesmo assunto avistouse-se a referida comissão com o chefe do movimento dos caminhos de ferro, em Santa Apolónia. O chefe do gabinete do ministro do comércio prometeu providenciar imediatamente.

A comissão volta a conferenciar com o mesmo senhor, na próxima quarta-feira.

A BATALHA

não se publica às segundas-feiras.

O desastre em Chelas

Morreu ontem mais um dos feridos

Na cama n.º 15 da enfermaria de Santo Alberto do hospital de S. José, faleceu ontem José Francisco Ribeiro, de 27 anos, soldado da 3.ª companhia e 3.º batalhão da Guarda Nacional Republicana, natural de Oliveira do Bairro, distrito de Aveiro, uma das vítimas daquele desastre sucedido anteontem em Chelas, caso que largamente noticiámos.

O cadáver recolheu à casa mortuária do mesmo estabelecimento, devendo hoje dar entrada na morgue, tendo tido ontem o mesmo destino o cadáver do soldado n.º 146 da mesma companhia e batalhão Eugénio Simões, natural da Louzã, vítima do mesmo desastre, e que veio a falecer momentos depois da sua entrada na sala de observações do hospital de S. José.

As outras vítimas que entraram directamente para a morgue e que devem ser autopsiadas amanhã sob a presidência do juiz auxiliar dr. sr. Affonso da Cruz, foram ontem reconhecidas e identificadas.

Chamavam-se Manuel Martins, de 33 anos, solteiro, trabalhador, natural de Ancora, concelho de Caminha e residia na travessa da Paz, 23, cave, e Cândido Albino Evangelista, de 23 anos, 2.º cabo n.º 32 da 3.ª companhia do 3.º batalhão, natural de Cristelo Novo, concelho de Valença do Minho.

Os funerais dos soldados são feitos a expensas da 3.ª companhia da Guarda Nacional Republicana aquartelada no Castelo de S. Jorge, estando encarregado dos serviços fúnebres a agência Milheiro.

Os famintos de Cabo Verde

O cansado chá que ferve...

O desgraçado do governador interior de Cabo Verde informou o governo de que existem apenas 50 contos em cofre para acudir à enorme crise alimentícia, pois desse dinheiro há a pagar, os géneros ultimamente adquiridos, e que há milhares de pessoas a socorrer, por isso necessidade de recursos imediatos além do auxílio da metrópole em géneros, bem como de outras colónias.

Não diz o nosso informador, mas nós acrescentamos: O sr. Celestino vai tratar do assunto.

Funcionalismo das colónias

O horário de trabalho em Angola
O horário de trabalho de todas as repartições de Angola, determinada pelo alto comissário, é das 8 e meia às 11 e meia e das 14 às 17 e aos sábados os serviços terminam às 12 horas, não havendo tolerância alguma.

Ferrovieiros do Estado

A readmissão dos demitidos por motivo da última greve

A comissão delegada dos ferroviários do Estado, demitidos por motivo da última greve, voltou ontem a solicitar ao sr. ministro do comércio a sua readmissão. O dr. sr. António Granja disse que não podia atender o pedido, a não ser por uma lei especial e que o seu antecessor, dr. sr. António da Fonseca, havia indeferido o requerimento que no mesmo sentido os ferroviários lhe enviavam.

O sindicato dos ferroviários do Sul e Sueste, que se propõe realizar uma série de trabalhos conducentes ao robustecimento da organização sindical e federativa dos trabalhadores de caminhos de ferro do país, acaba de publicar em folheto o relatório da C. G. T. sobre a última greve daqueles nossos valentes camaradas—relatório que *A Batalha* inseriu já em tempo oportuno.

A seguir publica-se há, editado por aquele organismo e pela União Ferroviária, do pessoal do Minho e Douro, o relatório geral do Comité Central dos Ferroviários do Estado sobre o mesmo movimento, que, como se sabe, foi uma empolgante demonstração de solidariedade operária.

Conferência Internacional

do Comércio

Encerraram-se ontem os trabalhos da 7.ª assembleia

A 7.ª assembleia da Conferência Internacional do Comércio encerrou ontem os seus trabalhos.

Foi eleito presidente honorário do «bureau» de Bruxelas o sr. Melo Barreto e secretário o sr. Baltazar Teixeira, nas mesmas circunstâncias.

Aprovaram as conclusões da tese do professor Francisco António Correa, director do Instituto Superior de Comércio de Lisboa e que são:

Que a intensificação do ensino comercial superior deve ser considerada como condição indispensável de expansão económica.

Que se exija do pessoal diplomático e consular uma cultura comercial para poder agir com vantagem sob o ponto de vista político, económico internacional.

Foi, por proposta do sr. Melo Barreto, adoptada a ideia de uma conferência vinícola internacional, conforme os desejos manifestados no Congresso dos sindicatos agrícolas de Coimbra.

Foi deliberado que a próxima reunião do conselho geral se realize em Bruxelas no dia 10 de Outubro.

Foram também aprovadas as conclusões das teses sobre as grandes artérias e vias internacionais, sobre tarifas combinadas e acordos comerciais.

As diversões de ontem

A's 16 horas realizou-se a sessão solene na sala «Portugal» da Sociedade de Geografia, com a assistência do presidente do republica, câmaras legislativas, governo e corpo diplomático. Houve visita ao Museu Colonial e merenda de produtos coloniais.

A's 21 horas realizou-se o banquete oferecido pela Associação Comercial de Lisboa, no Monumental Club.

O programa de hoje

A's 13 horas, partida para Sintra, em comboio especial. Visita ao castelo da Pena. Visita ao palácio de Sintra.

A's 16 horas partida para Cascais e Estoril. Jantar oferecido pela Sociedade Estoril. Festa nocturna. Partida para Lisboa em comboio especial.

A “Semana Agrícola”

Concurso de gado—Uma conferência

A exposição agrícola continua sendo muito visitada, tendo-se, ontem, realizado um concurso de gado.

No anfiteatro do Instituto Superior de Agronomia realizou-se, pelas 15 horas, a anunciada conferência do professor dr. D. Luís de Castro, sobre o mau estado da agricultura portuguesa.

Educação do operariado

Uma série de conferências por Emílio Costa

Inicia-se depois de amanhã, pelas 21 horas na 4.ª secção da Universidade Popular Portuguesa, no Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, Campo de Santa Clara, uma nova série de conferências educativas pelo professor, sr. Emílio Costa, que tratará da Educação do operariado.

Peste bubónica na Guiné

O governador da Guiné informa que a peste bubónica foi trazida para ali de Dakar. Apesar de ser de carácter benigno, é preciso contudo adoptar medidas sanitárias rigorosas para que a epidemia não tome vulto. Visto que de dez que se tem dado ainda não resultou nenhum doente, o governador está atencioso e benévolo em administrar de Cachu ar. Graça Falcão, contudo entende que devem seguir para aquela colónia com urgência, o pessoal já requisitado, bem como a vacina sôre.

NA ALTA SILESIA

A Alemanha apoia os seus voluntários?

PARIS, 28.—A Polónia fechou a sua fronteira com a Alta Silesia, para contribuir com os seus esforços para a pacificação da região. A Comissão Inter-aliada não terá poder senão dispor de forças suficientes e os seis batalhões enviados da Inglaterra, junto aos contingentes existentes, não são bastantes para dominar a situação, porque a Alemanha ainda se não convenceu da necessidade de se sujeitar a uma solução justa.

Apesar das excelentes declarações de Dr. Wirth, a Alemanha não deixa de apoiar os voluntários alemães. Anuncia-se que o primeiro comboio de viveres, enviado pela Alemanha, acaba de chegar.—*Rádio*.

As reclamações dos manipuladores de pão

Reuniu ontem a comissão encarregada do estudo do problema do pão, ocupando-se quasi exclusivamente da taxa a aplicar em relação aos salários dos operários manipuladores.

Universidade Popular Portuguesa

Continua hoje as consultas pedagógicas na sede desta instituição, começando às 10 horas da manhã.

Às 11 é a hora dos contos para as crianças.

O patronato espanhol

MADRID, 28.—Ficou constituída a comissão organizadora para o terceiro congresso patronal, que se realizará em 26 de Junho.—*Rádio*.

Os ferroviários da C. P.

realizam hoje uma importante reunião

Na sede do Centro Fernão Bot Machado, rua do Paraíso, n.º 1, efectua-se hoje, pelas 13 horas, uma importante reunião dos ferroviários da C. P., promovida pelo respectivo sindicato, com o fim de unificar a classe, criando-lhe um perfeito espírito de solidariedade.

Nessa reunião serão ventiladas e tomadas resoluções sobre o horário de trabalho, situação do pessoal das oficinas, dando-se conhecimento das *demandas* efectuadas até à data para se resolver definitivamente o que há a fazer neste sentido, e situação geral da classe, fazendo-se representar a Confederação Geral do Trabalho, União dos Sindicatos Operários e os Sindicatos Ferroviários do Sul e Sueste e do Minho e Douro.

União dos Sindicatos Operários

Conselho de delegados

Reúne amanhã, às 21 horas, o conselho de delegados da U. S. O., para se ocupar exclusivamente da questão do horário de trabalho.

Dada a importância do assunto, nenhum delegado deve faltar a esta convocação, à hora indicada.

A ponte sobre o Tejo

Encontra-se em Lisboa o engenheiro sr. Afonso Peña, professor da Escola Nacional de Engenharia de Madrid, que a Portugal vem tratar da construção da ponte sobre o Tejo. O sr. Peña, realizara, no próprio país, a ponte sobre o rio Guadalquivir. Civil, sobre o seu projecto.

Segundo este, a ponte será a primeira do mundo, tendo 2,347 metros de comprimento, com 120 metros de altura e o jardim de Santos, uma altura média de 45 metros e 14 arcos, de 150 metros de comprimento. A sua estrutura será em cimento armado, aplicado por processos novos naquelle ramo de construção.

O sr. Peña marca para a construção o prazo de cinco anos, não solicitando ao Estado qualquer subsídio.

Aparato bélico

Para guardar três supostos criminosos mobilizam-se a guarda republicana e a policia civil e secreta

A condução para o tribunal da Boa-Hora dos nossos camaradas supostos implicados na morte do juiz Pedro de Matos, foi motivo para medidas de precaução que, sendo de um ridiculo inexistível, representaram também uma inflama revoltante, tam vexatórias elas foram.

Três presos indolentes escoltados por uns sete polícias civis, com os colares das pistolas abertas, promos a reprimir o menor gesto. Depois uma força de cavalaria da guarda, comandada por um sargento. Pelos passeios, fingindo de gente, polícias à paisana, espionando, atentos, os transeuntes que com eles cruzavam.

Como vultu recusados aqueles tempos de vermelhusca propaganda, em que os actuais detentores dos selos do Estado, rubros de indignação, protestavam contra idénticos espectáculos que a monarquia exhibia e que eles consideravam um atentado à dignidade humana.

Encontro Homénio Júnior e João Ferreira, encerram-se na enfermaria do Limoeiro, a visita é das 12 às 14 horas.

O vulcão do Oriente

Nova ofensiva grega contra os turcos?

CONSTANTINOPOL, 28.—Julga-se iminente uma ofensiva grega na Asia Menor. Fazem-se todos os preparativos necessários e o transporte de tropas em direcção de Ouhake efectua-se febriamente. A ofensiva far-se-á na direcção de Kutayah, ao mesmo tempo que se desenvolverá uma operação militar pelo lado de Affioun-Karabissar.—*Rádio*.

AS GREVES

Gráficos das casas de obras

Apesar do chamado *lock-out*, feito por alguns industriais, continuam firmes os camaradas das casas de obras, que há dias se declararam em greve.

Entre a comissão executiva pró-aumento de salário e a empresa editorial do A B C foi ontem firmado o seguinte acordo, tendo de tarde retomado o trabalho o pessoal que na mesma casa trabalhava:

Base do acordo provisório, entre a empresa A B C e a comissão executiva pró-aumento de salário das casas de obras:

- 1.º Der 20 % sobre os actuais salários dos compositores e impressores;
- 2.º Pagar os domingos e dias feriados, bem como agüres em que a empresa trabalha não dar trabalho, a razão de 1 dia de trabalho;
- 3.º Sobre o trabalho fora do horário normal, pagar o excesso de 100 %, não sendo considerados dias úteis os domingos nem os 5 feriados da Constituição.

Lisboa, 28 de Maio de 1921.

Pela comissão executiva—Joaquim Silva, João Martins Amor e Nicolau Marques. Pela Sociedade Editorial A B C—Mimo Anahory.

Lisboa, pelas 15 horas, realiza-se uma assembleia magna na rua António Maria Cardoso, 20, 1.º, pedindo-se a comparência de todos os componentes das classes em luta.

